



nara roesler

50

“De 1976 a 2026, de Recife a São Paulo, Rio de Janeiro, Nova York, Paris, Londres ou Hong Kong, Nara Roesler construiu uma cartografia simbólica marcada por transformar periferias em centro, resgatar artistas e revelar novos talentos.

Para comemorar sua trajetória, a galerista ativa seus espaços em São Paulo, Rio de Janeiro e Nova York com exposições coletivas temáticas, em diálogo com curadores convidados como Moacir dos Anjos, Agnaldo Farías, Magali Arriola, Vik Muniz, Ariel Jimenez e Bernardo Mosqueira.

As mostras abordam eixos centrais de sua trajetória: o diálogo com a arte brasileira além dos polos dominantes, o apoio a nomes históricos, o investimento na abstração, a abertura ao contemporâneo internacional e a ampliação da presença global da arte brasileira.”

—Luís Pérez Oramas

## o fascínio e o afeto agnaldo farias

Na qualidade de segunda exposição celebrativa dos cinquenta anos da trajetória de Nara Roesler como galerista, a mostra recua à sua infância, à sua casa repleta de músicos, artistas plásticos, arquitetos, escritores, empresários, políticos, em saraus animados que se espichavam da hora do almoço de sexta até a noite de domingo.

Tradição iniciada com seu avô médico, João Alfredo da Costa Lima, cirurgião e professor de Anatomia Artística da Escola de Belas Artes, reitor por doze anos da Universidade Federal de Pernambuco onde, entre tantos feitos, criou a Escola de Música. Pode-se imaginar a cantoria, as risadas, a eloquência modelada em voz alta característica dos nordestinos, as rixas, os repentes, as discussões pró e contra o governador Miguel Arraes e, na outra ponta, o lirismo melancólico de Carlos Pena Filho, delicadamente apelidado “poeta do azul”.

Criança, Nara, como qualquer um de nós entre adultos, não alcançava muito a essência das conversas, as ironias de seus ditos, a complexidade dos temas, o contraponto entre as diversas linguagens praticadas entre as comidas, mas foi justamente dessa atmosfera que nasceu

seu fascínio permanente pelo extraordinário universo da cultura. Talvez por isso, para Nara, fascínio e afeto tenham permanecido inseparáveis no que se refere às artes — experiência que mais tarde a levaria à charmosa Gatsby, loja de objetos de design, coqueluche dos arquitetos de interiores, e ao convívio com o pintor José Cláudio.

José Cláudio, célebre em Recife por seu texto entrelaçado de humor e erudição e, sobretudo, por sua pintura expressiva alinhada com a sensualidade da paisagem e do povo, tomou Nara pela mão e levou-a a aprofundar-se no campo da arte, inteirou-a de questões fundamentais. É ele o autor do retrato de Nara que nos recebe nesta mostra e também um dos responsáveis por ela se tornar galerista.

A atração pelo mundo das artes foi irresistível e ela terminou por fundar a Gatsby Arte, extensão do espaço de objetos de design que havia fundado em Recife, garantindo contato permanente, embora jamais exclusivo, com artistas e sua produção.

Esta exposição fala do amor de Nara por eles, de amizades construídas e solidificadas por meio de contatos frequentes e profundos, às vezes para acompanhar os avanços do trabalho, outras para jogar conversa fora, para “tarde livre para compras”, para ajudar na escolha de uma casa ou de um ateliê novo, ou apenas para estar ao lado por ocasião de um momento difícil.

Num arco que vai de suas amigas Tomie Ohtake e Amelia Toledo a Rodolpho Parigi, cuja pintura ela “descobriu” numa mostra de final de curso na FAAP, Nara construiu relações duradouras com seus artistas, acompanhando de perto seus êxitos e impasses, certezas absolutas logo desmontadas, desalentos agudos por uma escolha profissional difícil, e descobertas magníficas que, por vezes, eles próprios ainda não haviam percebido. Mas ela, sim.

Das experiências cinéticas e lumínicas de Julio Le Parc e Abraham Palatnik ao quebra-cabeça imagético de Vik Muniz, passando pelas estruturas orgânicas de Tomie Ohtake e pelas poéticas íntimas de Brígida Baltar, o que se vê nesta exposição é não apenas um conjunto de grandes artistas, mas também a trama de relações construídas por Nara Roesler ao longo de décadas de convivência, interlocução e acompanhamento contínuo de suas trajetórias.

O senso comum envolve o artista em uma atmosfera romântica, idealiza aquilo que na verdade é um cotidiano áspero, às voltas com a solidão. Nara sempre agiu como legítima e necessária interlocutora. Além disso, cuidou bravamente em levar suas descobertas ao maior número de pessoas, no seu dever de compartilhá-las com elas. Os artistas aqui presentes souberam e sabem da extensão de seu afeto por eles.

José Cláudio da Silva  
*Nara*, 1979  
tinta óleo sobre eucatex  
121,5 x 79,5 cm







---

Tomie Ohtake  
*Sem título*, 2013  
tinta automotiva sobre  
aço carbono tubular  
160 x 110 cm





---

Abraham Palatnik  
W-312, 2009  
tinta acrílica  
sobre madeira  
42 x 30 cm

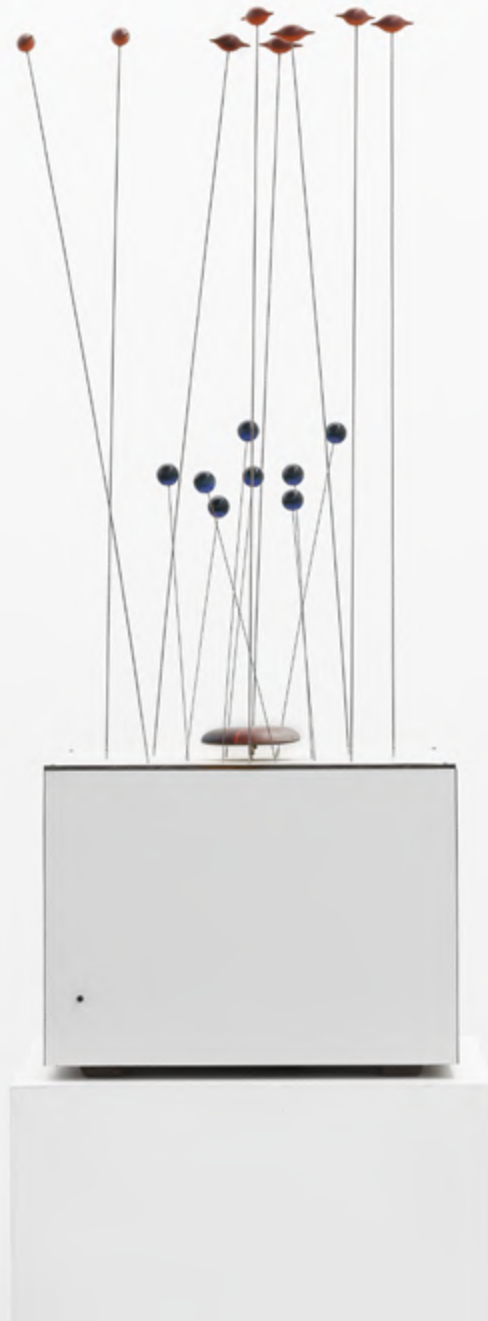
Abraham Palatnik  
W-322, 2010  
tinta acrílica  
sobre madeira  
39 x 28 cm







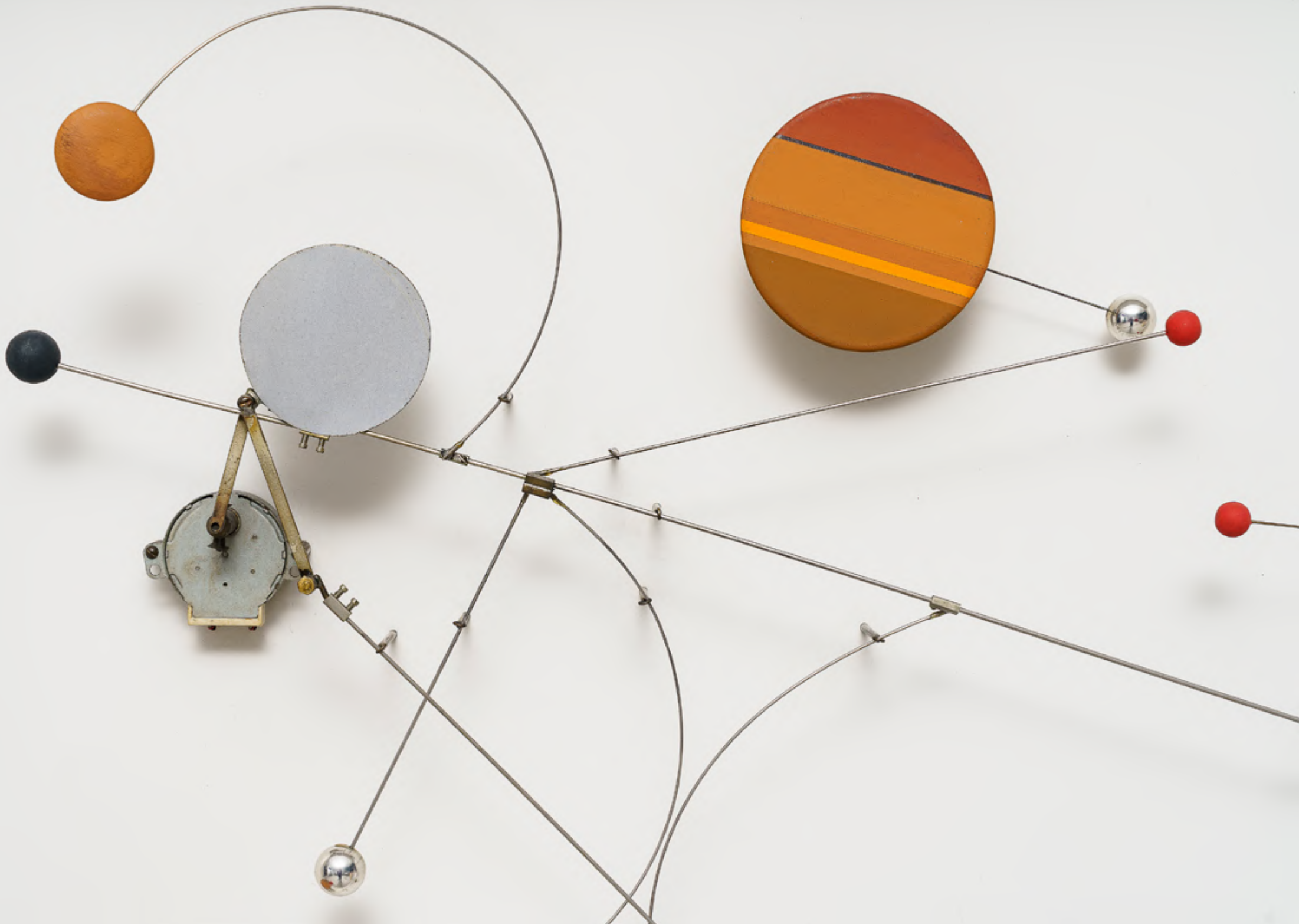
Abraham Palatnik  
*Objeto Cinético*, 2000  
tinta industrial, madeira,  
metal, ímãs e motor  
100 x 36 x 36 cm





Julio Le Parc  
*Cercles virtuels 9*, 1965  
madeira e aço inox  
143 x 118 x 36 cm





Abraham Palatnik  
*Objeto Cinético C-15*, 1969/2001  
motor, tinta, fórmica,  
madeira, metal e imãs  
77 x 90 x 15 cm





Vik Muniz  
*Gordian Puzzles: Garden of Earthly  
Delights, after H. Bosch (triptico), 2008*  
edição de 6  
c-print digital  
195 x 342 cm



24342

Vik Muniz

Verso (NY Times): "The Famous  
Monk, Gregory Rasputin", 2008

edição de 4

técnica mista (desenho e colagem)

18 x 24 cm



M OCT 16 1904

STOCK PURCHASED  
APR - 5 1917

~~Count...~~

The famous monk, Gregory Rasputin, once a Siberian peasant, surrounded by his admirers at the Imperial palace at Tsarsky. This man was an adventurer who under the guise of religion exercised undue and sometimes dangerous influence in high quarters. He was commonly believed to have made and unmade Ministries and to have decided the fate of important measures. Whatever may have been the exact scope of his responsibility, there can be no doubt that his presence in the precincts of the court gave rise to unanimous disapprobation among all enlightened classes, including representatives of the Government, the whole of the bureaucracy, and officers of the Army and Navy. He recently met his death in the palace of one of the royal princes. Publication of this photograph in Russia before the ~~war~~ would have meant revolution  
exile to Siberia.

27452.18  
9200

1/3/17

MAR 28

634

1303

34

71

MAR 29 1968

JUL 9 1965

PUBLISHED IN N.Y.T.  
MAGAZINE AUG 18 '68

PH SEP 17 '68  
N.Y.T.  
MAGAZINE JUL 4 '82  
FEB 4 '69

Bolivian troops display the body of Ernesto Che Guevara to reporter  
Thompson charges that Green Berets were involved in his killing in 1967

REVOLUTIONARY'S END—With Bolivian troops standing guard, the  
corpse of Che Guevara is put on display to confirm his death last October.

NO 1 8 1968

PUBLISHED IN N.Y.T.  
BOOK REVIEW MAR 28 '71  
1 of 2

N.Y. TIMES P. 6  
BOOK REVIEW

POSTED  
SEP 14 1968  
35  
AUDITING DEPT.

6. Bill Parsons/Nancy Palmer (left).  
The body of Che Guevara on display after his death in Bolivia (above)  
and a photograph said to be of Guevara shortly before he died.

RETURN TO  
DATE REC...  
AUG 14 1968  
IN PICTURE FILE

Vik Muniz  
Verso (NY Times):  
"Revolutionary's End", 2008  
edição de 4  
técnica mista (desenho e colagem)  
20 x 25 cm





Rodolpho Parigi  
*Heal it up*, 2007/2008  
acrílica e óleo sobre tela  
150 x 150 cm

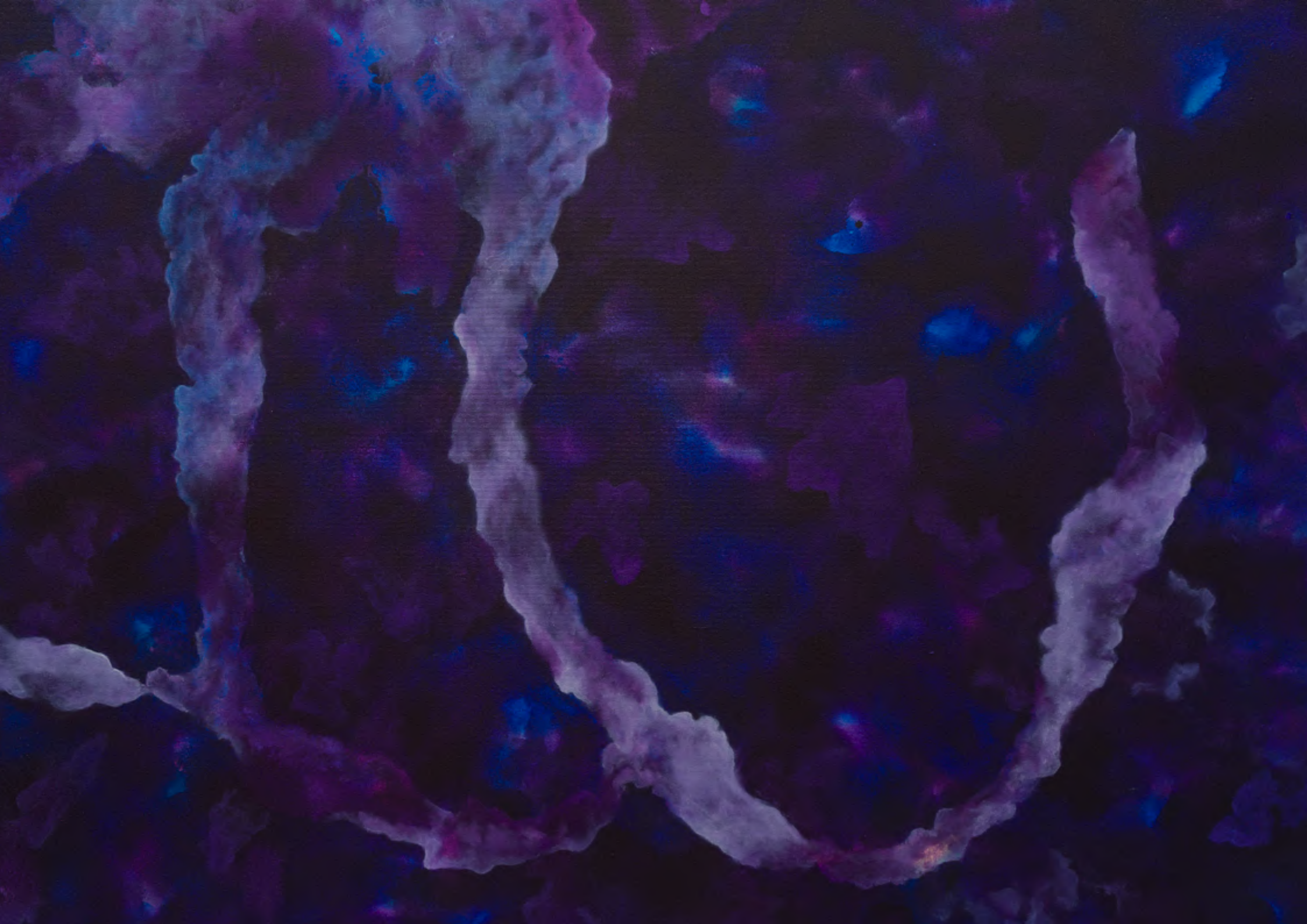




---

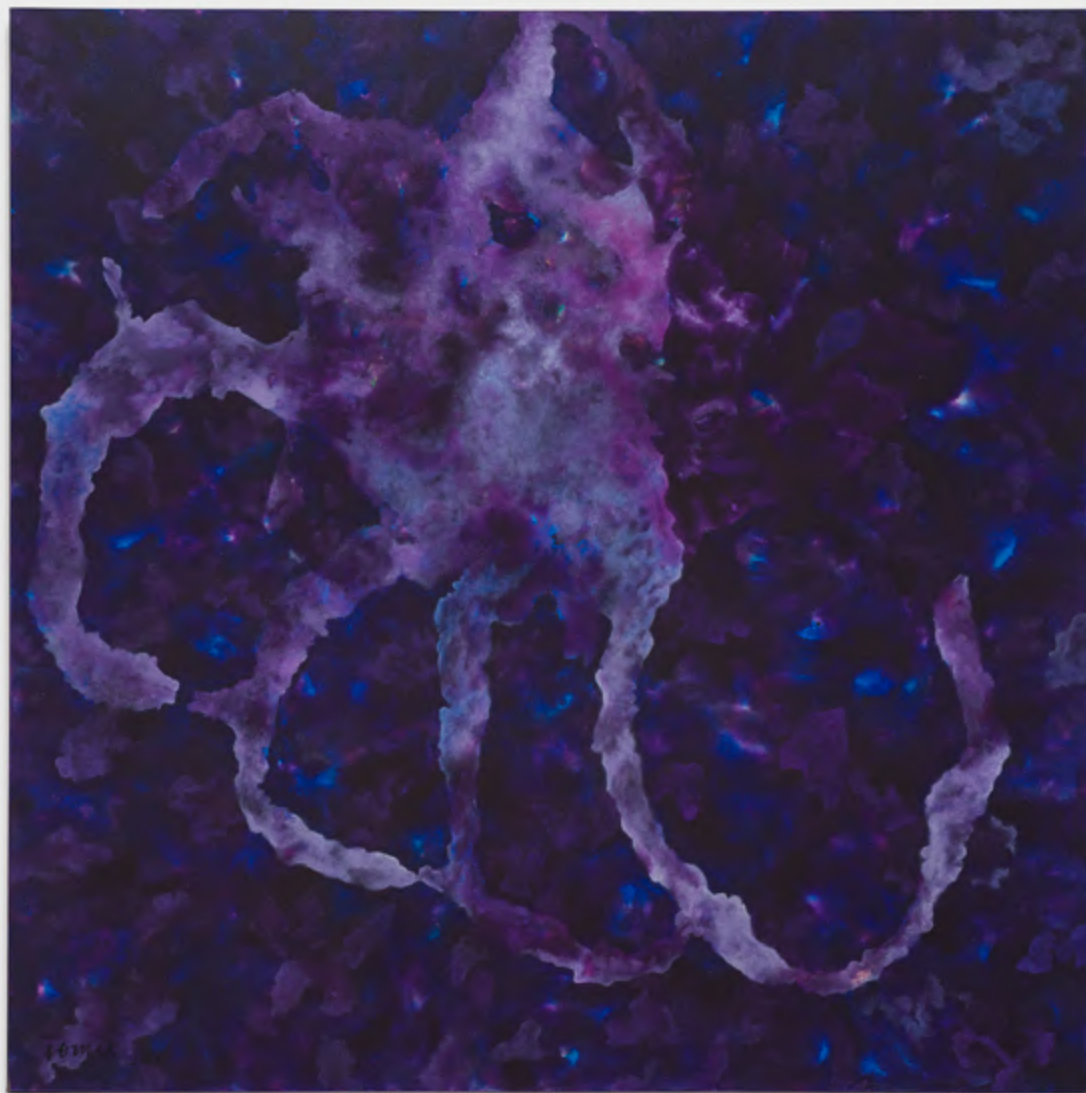
Amelia Toledo  
*Dragão cantor*, 2007  
pedra perfurada sonora  
sobre coluna de concreto  
138 x 44 x 40 cm





---

Tomie Ohtake  
*Sem título*, 2002  
tinta acrílica sobre tela  
200 x 200 x 3,5 cm





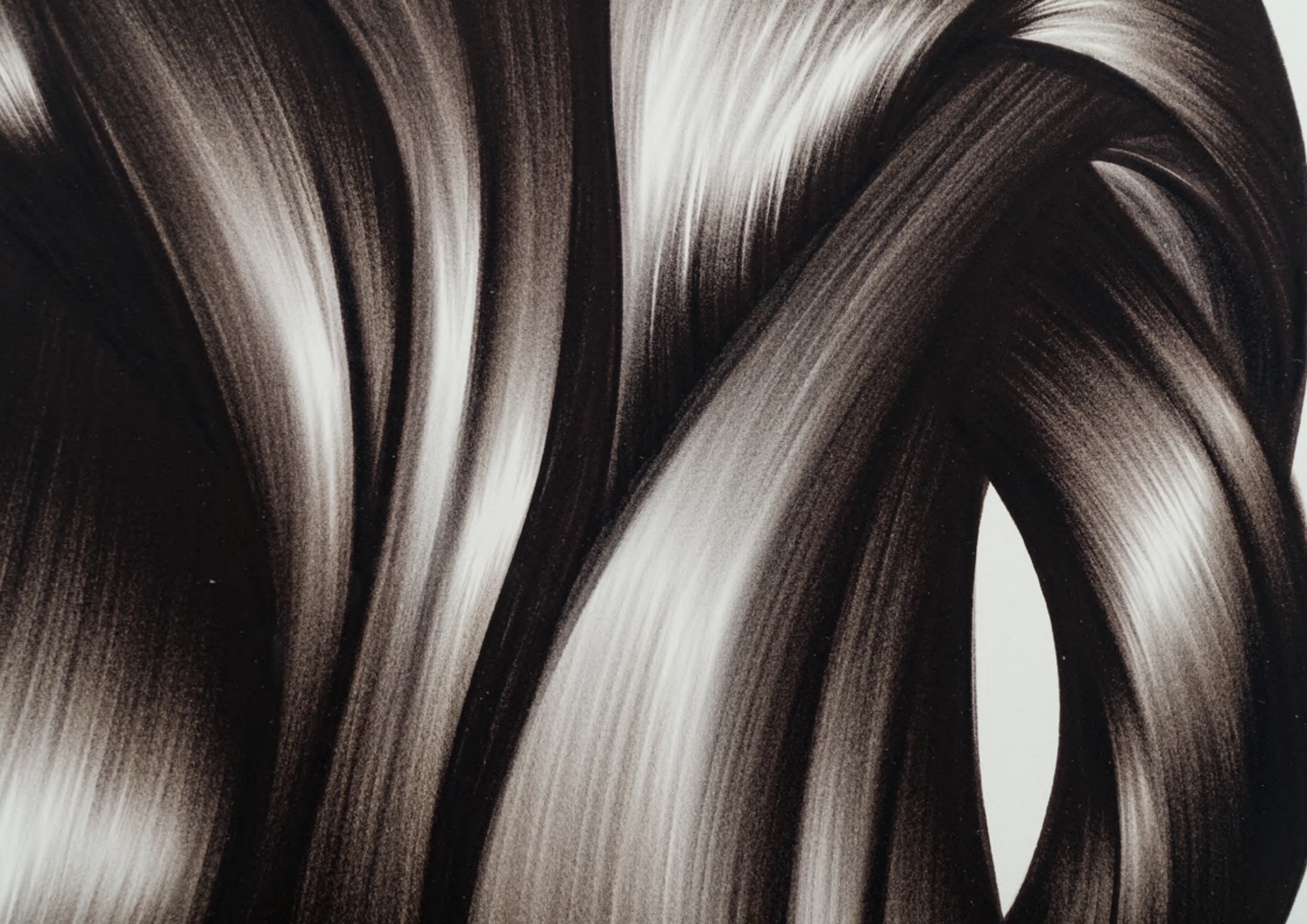
Autorretrato com asas de harpa  
sobre Osiris, o inventor da flauta, 2011  
fotografia  
edição de 3 + 2 PA  
33 x 21 cm





Brígida Baltar  
*Sem título*, 2011  
bronze  
190 x 110 x 60 cm |  
160 x 60 x 40 cm





Rodolpho Parigi  
*Black Volumen*  
*Bestiaire # 24*, 2024  
aquarela sobre papel  
76 x 56 x 0,4 cm







---

Rodolpho Parigi  
*Black Volumen*  
*Bestiaire # 30*, 2024  
aquarela sobre papel  
76 x 58 x 0,4 cm



---

Amelia Toledo  
*Impulso*, anos 2000  
zoisita e coluna de concreto  
141 x 38 x 26 cm





José Cláudio da Silva  
*Duas Moças*, 1979  
tinta óleo sobre eucatex  
79 x 59 cm





---

José Cláudio da Silva  
*Paisagem de Olinda*, 2019  
acrílica sobre tela  
85 x 170 cm





---

Amelia Toledo  
*Série Impulsos*, 2010  
bloco de jaspe semi  
polido sobre concreto  
base: 99 x 42 x 26 cm;  
pedra: 23 x 42 x 26 cm



José Cláudio da Silva  
*Moça pegando no pé*, 1976  
tinta acrílica sobre eucatex  
168 x 78 cm







José Cláudio da Silva  
*Catando piolho ou Toalhete  
de Venus II*, 1977  
tinta óleo sobre eucatex  
80 x 122 cm



José Cláudio da Silva  
*Estou aí em fulia*, 2000  
tinta óleo sobre tela  
80 x 120 cm







Amelia Toledo  
*Sem título (série Frutos do mar)*, 1982  
moldagem em resina poliéster  
exposta à ação do mar para a  
formação de cracas e briozoários  
5 partes de aprox. 5 x 7 x 7 cm



---

## abraham palatnik

n. 1928, Natal, Brasil

m. 2020, Rio de Janeiro, Brasil

Abraham Palatnik é figura central da arte cinética e óptica no Brasil. Seu interesse pelas possibilidades criativas das máquinas evoca a relação entre arte e tecnologia. O artista formou-se em engenharia, o que contribuiu para que desenvolvesse investigações técnicas focadas na experimentação com o movimento e a luz, realizando proposições baseadas no fenômeno visual que tornaram seu trabalho conhecido ao longo de sete décadas de produção. Destacou-se no cenário artístico a partir do final da década de 1940, momento em que cria seu primeiro *Aparelho cinecromático* (1949), peça em que reinventa a prática da pintura por meio do movimento coreografado de lâmpadas de diferentes voltagens em distintas velocidades e direções que criam imagens caleidoscópicas. Exibida na 1ª Bienal de São Paulo (1951), essa instalação de luz recebeu Menção Honrosa do júri internacional por sua originalidade. Integrou também, a partir de meados da década de 1950, o Grupo Frente, vertente carioca do Construtivismo brasileiro, ao lado de artistas como Lygia Pape e Ivan Serpa, e críticos como Ferreira Gullar e Mário Pedrosa.

As séries de progressões e relevos que iniciou posteriormente, feitas em materiais diversos (como madeira, cartão duplex ou acrílico), apresentam efeitos ópticos e cinéticos criados a partir de um meticuloso processo manual. O resultado são composições abstratas marcadas por um padrão rítmico que remete ao movimento de ondas irregulares.

[clique para ver o cv completo](#)

---

## exposições individuais selecionadas

- *Abraham Palatnik: O sismógrafo da cor*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2022)
- *Abraham Palatnik – A reinvenção da pintura*, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-BH), Belo Horizonte (2021); Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-RJ), Rio de Janeiro (2017); Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre (2015); Museu Oscar Niemeyer (MON), Curitiba (2014); Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo (2014); Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-DF), Brasília, Brasil (2013)
- *Abraham Palatnik: Em movimento*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2018)
- *Abraham Palatnik: Progression*, Sicardi Gallery, Houston, EUA (2017)
- *Palatnik, une discipline du chaos*, Galerie Denise René, Paris, França (2012)

## exposições coletivas selecionadas

- *Sur moderno: Journeys of Abstraction – The Patricia Phelps de Cisneros Gift*, Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA (2019)
- *The Other Trans-Atlantic: Kinetic & Op Art in Central & Eastern Europe and Latin America 1950s–1970s*, Sesc Pinheiros, São Paulo, Brasil (2018); Garage Museum of Contemporary Art, Moscou, Rússia (2018); Museum of Modern Art in Warsaw, Varsóvia, Polônia (2017)
- *Delirious: Art at the Limits of Reason, 1950–1980*, Metropolitan Museum of Art, Nova York, EUA (2018)
- *Kinesthesia: Latin American Kinetic Art, 1954–1969*, Palm Springs Art Museum (PSAM), Palm Springs, EUA (2017)

## coleções selecionadas

- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Museum of Fine Arts Houston (MFAH), Houston, EUA
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Royal Museums of Fine Arts of Belgium, Bruxelas, Bélgica
- William Keiser Museum, Krefeld, Alemanha

---

## **amelia toledo**

n. 1926, São Paulo, Brasil

m. 2017, Cotia, Brasil

Amelia Toledo iniciou seus estudos em arte no final dos anos 1930, quando frequentou o Ateliê de Anita Malfatti. Na década seguinte, estudou com Yoshiya Takaoka e Waldemar da Costa. Em 1948 atuou com desenho de projetos no escritório do arquiteto Vilanova Artigas. Esse contato com figuras chave da arte moderna brasileira, assim como sua experiência no laboratório de anatomia patológica de seu pai, possibilitaram o desenvolvimento de um trabalho multifacetado que faz uso de diversas linguagens como escultura, pintura e gravura. Essa produção floresceu, ainda, no convívio com outros artistas de sua geração, tais como Mira Schendel, Tomie Ohtake, Hélio Oiticica e Lygia Pape.

A diversidade de meios de Amelia Toledo é reveladora de um espírito voltado para uma investigação expandida das possibilidades artísticas. A partir dos anos 1970 a produção da artista ultrapassa a gramática construtiva, que fazia uso de elementos geométricos regulares e curvas, e passa a se debruçar sobre formas da natureza. Toledo começa a colecionar materiais como conchas e pedras, e a paisagem passa a se tornar um tema fundamental de sua prática. Já a pintura da artista possui inclinações monocromáticas, revelando seu interesse pela pesquisa com a cor.

[clique para ver o cv completo](#)

---

## **exposições individuais selecionadas**

- *Amelia Toledo: Paisagem cromática*, Museu Brasileiro da Escultura e Ecologia (mube), São Paulo, Brasil (2024)
- *Amelia Toledo: Paisagem cromática*, Museu Brasileiro da Escultura e Ecologia (MuBE), São Paulo, Brasil (2024)
- *Amelia Toledo: 1958-2007*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2021)
- *Amelia Toledo – Lembrei que esqueci*, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-SP), São Paulo, Brasil (2017)
- *Amelia Toledo*, Estação Pinacoteca, São Paulo, Brasil (2009)
- *Novo olhar*, Museu Oscar Niemeyer, Curitiba, Brasil (2007)
- *Viagem ao coração da matéria*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2004)

## **exposições coletivas selecionadas**

- *Constelação Clarice*, Instituto Moreira Salles (IMS), São Paulo, Brasil (2021)
- *Radical Women: Latin American Art, 1960–1985*, Hammer Museum, Los Angeles, EUA (2017); Brooklyn Museum, Nova York, EUA (2018); Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2018)
- *Modos de ver o Brasil: Itaú Cultural 30 anos*, Oca, São Paulo, Brasil (2017)
- 10ª Bienal do Mercosul, Brasil (2015)
- *30 x Bienal: Transformações na arte brasileira da 1ª à 30ª edição*, Fundação Bienal de São Paulo, São Paulo, Brasil (2013)
- *Um ponto de ironia*, Fundação Vera Chaves Barcellos, Viamão, Brasil (2011)
- 29ª Bienal de São Paulo, Brasil (2010)
- *Brasileana MASP: Moderna contemporânea*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2006)

## **coleções selecionadas**

- Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Portugal
- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

---

## artur lescher

n. 1962, São Paulo, Brasil, onde vive e trabalha

O paulistano Artur Lescher destaca-se no atual panorama da arte contemporânea brasileira por suas obras tridimensionais. Há mais de trinta anos, ele apresenta um sólido trabalho, resultado de uma pesquisa em torno da articulação entre matéria, forma e pensamento.

São trabalhos que excedem o caráter de escultura e cruzam as linguagens da instalação e do objeto, a fim de modificar a compreensão destas e do espaço em que se inserem. Ao mesmo tempo que sua prática está atrelada a processos industriais, sua produção não tem por único fim a forma. Ao escolher nomear obras como *Rio Máquina*, *Metamérico* ou *Inabsência*, Lescher sugere narrativas, por vezes contraditórias ou provocativas, que abrem espaço para o mito e a imaginação.

Lescher obteve reconhecimento no âmbito nacional a partir de sua participação na 19ª Bienal de São Paulo, em 1987, onde apresentou *Aerólitos*, obra que consiste no diálogo estabelecido entre dois balões de ar quente, cada um com onze metros de comprimento. Um deles se habitava o interior do pavilhão da mostra, e o outro, a área externa. Ao justapor sólidas estruturas geométricas e materiais resistentes como metal, pedra, madeira, latão e cobre a outros que guardam características de impermanência ou inconstância, como água, azeite e sal, Lescher enfatiza a imponderabilidade, ou “a inquietude”, como observou o crítico e curador Agnaldo Farias em relação a “suas peças, contrariando suas aparências exatas e limpas, passa-nos uma sensação de inquietude, como se nós, espectadores, estivéssemos na iminência de assistir a irrupção de algo, (...), que pode desembocar na violência, no atracamento de materiais, na deformação de um corpo, rastros de uma ação já encerrada.”

[clique para ver o cv completo](#)

---

## exposições individuais selecionadas

- *Artur Lescher*, Instituto Artium, São Paulo, Brasil (2023)
- *Observatório*, Farol Santander, Porto Alegre, Brasil (2022)
- *Artur Lescher: Suspensão*, Estação Pinacoteca, São Paulo, Brasil (2019)
- *Asterismos*, Almine Rech Gallery, Paris, França (2019)
- *Porticus*, Palais d'Iéna, Paris, França (2017)
- *Inner Landscape*, Piero Atchugarry Gallery, Pueblo Garzón, Uruguai (2016)

## exposições coletivas selecionadas

- *3rd Forever is Now*, Pirâmide de Gizé, Egito (2023)
- *Form Follows Energy*, Lago / Algo, Cidade do México, México (2022)
- *Tension and Dynamism Atchugarry Art Center*, Miami, EUA (2018)
- *Mundos transversales – Colección permanente de la Fundación Pablo Atchugarry*, Fundación Pablo Atchugarry, Maldonado, Uruguai (2017)
- *Everything You Are I Am Not: Latin American Contemporary Art from the Tiroche DeLeon Collection*, Mana Contemporary, Jersey, EUA (2016)
- *El círculo caminaba tranquilo*, Museo de Arte Moderno de Buenos Aires (MAMBA), Buenos Aires, Argentina (2014)
- *The Circle Walked Casually*, Deutsche Bank KunstHalle, Berlim, Alemanha (2013)

## coleções selecionadas

- Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires (MALBA), Buenos Aires, Argentina
- Museum of Fine Arts Houston (MFAH), Houston, EUA
- Philadelphia Museum of Art, Filadélfia, EUA
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

---

## brígida baltar

n. 1959, Rio de Janeiro, Brasil

m. 2022, Rio de Janeiro, Brasil

O trabalho de Brígida Baltar transita entre as linguagens do vídeo, da performance, da instalação, do desenho e da escultura. A artista começou a desenvolver sua obra na década de 1990, por meio de pequenos gestos poéticos realizados na sua casa-ateliê, localizada em Botafogo, bairro da zona sul do Rio de Janeiro. Durante quase dez anos, Baltar colecionou os materiais da vida doméstica, como a água que escorria de goteiras no telhado ou a poeira marrom-avermelhada dos tijolos de barro das paredes. As ações caseiras, em seguida, expandiram-se para o ambiente exterior, originando obras como a série *Coletas*, em que ela busca capturar o orvalho e a maresia, dedicando-se à tarefa impossível de captar o intangível. Por outro lado, da poeira de tijolos resultaram, ainda, desenhos de montanhas e florestas cariocas feitos em papel ou diretamente sobre as paredes, entrelaçando seu trabalho passado com o atual, tornando-os mais do que meras descrições das elevações do terreno e das florestas.

Muitas vezes, a artista encontrou na fabulação um método de trabalho, aproximando e incorporando o humano e o animal, redefinindo nossa relação com o universo natural em trabalhos como *Maria Farinha*, *Casa de Abelha* e *Voar*. A relação entre corpo e abrigo, uma das tônicas de seu trabalho, é explicitada na série de esculturas em cerâmica dissolvidas pela artista, em que as formas de conchas do mar fundem-se com aquelas do corpo humano. No final de sua vida, a artista se debruçou sobre o bordado, produzindo trabalhos que se relacionam com seu corpo e, em especial, sua pele, reafirmando sua habilidade de abordar conceitos filosóficos e sensações a partir de sua própria experiência pessoal.

[clique para ver o cv completo](#)

---

## exposições individuais selecionadas

- *Brígida Baltar: Pontuações*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2024)
- *Brígida Baltar (1959-2022): To Make the World a Shelter*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2023)
- *Brígida Baltar: Filmes*, Espaço Cultural BNDES, Rio de Janeiro, Brasil (2019)
- *A carne do mar*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2018)
- SAM Art Project, Paris, França (2012)
- *O amor do pássaro rebelde*, Cavalariças, Parque Lage, Rio de Janeiro, Brasil (2012)
- *Brígida Baltar – Passagem Secreta*, Fundação Eva Klabin, Rio de Janeiro, Brasil (2007)

## exposições coletivas selecionadas

- *Fullgás - Artes Visuais e Anos 1980 no Brasil*, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), Rio de Janeiro, Brasil (2024)
- *Terra abrecaminhos*, Sesc Pompeia, São Paulo, Brasil (2023)
- *Meu corpo: Território de disputa*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2023)
- *A dobra no horizonte*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2022)
- 12ª Bienal do Mercosul, Porto Alegre, Brasil (2020)
- *Alegria – A natureza-morta nas coleções MAM Rio*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2019)
- *I Remember Earth*, Magasin des horizons, Centre d'arts et de Cultures, Grenoble, França (2019)
- *Neither-nor: Abstract Landscapes, Portraits and Still Lives*, Terra-Art Project, Londres, Reino Unido (2017)
- *Constructing Views: Experimental Film and Video from Brazil*, New Museum, Nova York, EUA (2010)

## coleções selecionadas

- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
- Museum of Fine Arts Houston (MFAH), Houston, EUA
- Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil
- Museum of Contemporary Art of Cleveland (MOCA), Cleveland, EUA

---

## josé cláudio

b. 1932, ipojuca, brasil

vive e trabalha em recife, brasil

Ao longo de setenta anos de carreira, José Cláudio (Ipojuca, 1932) constituiu um legado para a arte brasileira da segunda metade do século XX. Artista múltiplo, com trabalhos em pintura, desenho, gravura e escultura, José Cláudio também atuou como crítico de arte e escritor. O prolífico trabalho do artista e intelectual teve início no Ateliê Coletivo da Sociedade de Arte Moderna do Recife (SAMR), em 1952, ao lado de Abelardo da Hora (1924–2014), seu fundador, e Gilvan Samico (1928–2013), entre outros. O convívio intenso com os artistas de sua geração, não só no Recife, mas em outras cidades brasileiras, como Mário Cravo Júnior (1923–2018) e Carybé (1911–1997) em Salvador, e Di Cavalcanti (1897–1976) e Lívio Abramo (1903–1992) em São Paulo, assim como a bolsa de estudos em Roma concedida pela Fundação Rotelini, fizeram da década de 1950, um período intenso de aprendizado, trocas e experimentação para o artista.

“José Cláudio é figurativista desde sempre, e pratica uma arte em que a emoção primeira sequer permite ou admite emendas e correções”, afirmou o crítico e historiador da arte José Roberto Teixeira Leite, que continua: “Expressionista, fazendo uso de um desenho rigoroso, de uma pincelada larga e espontânea de um colorido profundo, do ponto de vista da temática José Cláudio debruçou-se sobre cenas e tipos regionais, sobre os costumes regionais e sobre a paisagem, as aves e as frutas do seu Nordeste, despojando-as, porém, de qualquer conteúdo pitoresco, para apenas se concentrar em sua expressão pictórica.”

José Cláudio integrou o movimento Poema/processo (1967–1972), com sua icônica série *Carimbos*, imagens feitas a partir da composição modular das imagens escavadas em borrachas. Em 1975, José Cláudio participou de viagem à Amazônia organizada pelo Museu de Zoologia da USP, realizando uma centena de trabalhos reunidos no livro “100 telas, 60 dias e um diário de viagem”. Em 1980, o artista se debruça sobre o quadro *O Repouso do Modelo*, de Almeida Júnior (1850–1899), criando uma série de pinturas que reinterpreta o tema.

---

## exposições individuais selecionadas

- *José Cláudio: uma trajetória*, Nara Roesler São Paulo, Brazil (2022)
- *Carimbos*, Museu de Arte Moderna Aluísio Magalhães (MAMAM), Recife, Brasil (2017)
- *100 telas, 60 dias e um diário de Viagem, Amazonas 1975*, Museu Afro Brasil, São Paulo, Brasil (2009)
- Museu do Estado de Pernambuco (MEPE), Recife, Brasil (2009)

## exposições coletivas selecionadas

- *Experimentando Pernambuco Experimental*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2014)
- *Almeida Júnior: Um artista revisitado*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2000)
- *A mão afro-brasileira*, Museu de Arte Moderna (MAM-SP), São Paulo, Brasil (1988)
- 4ª, 5ª, 6ª, 7ª, 18ª Bienal de São Paulo, Brasil (1957, 1959, 1961, 1963 e 1985)
- 1º, 3º, 14º e 23º Panorama de Arte Brasileira, Museu de Arte Moderna (MAM-SP), São Paulo, Brasil (1969, 1971, 1983 e 1993)

## coleções selecionadas

- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC-USP), São Paulo, Brasil
- Palácio do Governo do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

---

## julio le parc

n. 1928, Mendoza, Argentina

vive e trabalha em Cachan, França

Julio Le Parc é reconhecido internacionalmente como um dos principais nomes da arte óptica e cinética. Ao longo de seis décadas, ele realizou experiências inovadoras com luz, movimento e cor, buscando promover novas relações entre arte e sociedade a partir de uma perspectiva utópica. Suas telas, esculturas e instalações abordam questões relativas aos limites da pintura a partir de procedimentos que se aproximam da tradição pictórica na história da arte, como o uso de acrílico sobre tela, ao mesmo tempo que investigam potencialidades cinéticas em *assemblages*, instalações e aparelhos maquínicos que exploram o movimento real e a atuação da luz no espaço.

Pioneiro do gênero óptico e cinético, Julio Le Parc foi cofundador do Groupe de Recherche d'Art Visuel (1960–1968), coletivo de artistas que se propunha a incentivar a interação do público com a obra, a fim de aprimorar suas capacidades de percepção e ação. De acordo com essas premissas, somadas à aspiração, bastante disseminada na época, de uma arte desmaterializada, indiferente às demandas do mercado, o grupo se apresentava em locais alternativos e até na rua. As obras e instalações de Julio Le Parc, feitas com nada além da interação entre luz e sombra, são resultado direto desse contexto, no qual a produção de uma arte fugaz e não vendável assumia claro tom sociopolítico.

[clique para ver o cv completo](#)

---

## exposições individuais selecionadas

- *Julio Le Parc: The Discovery of Perception*, Palazzo Delle Papesse, Siena, Itália (2024)
- *Julio Le Parc: Couleurs*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2024)
- *Quintaesencia*, Museo de Arte Contemporáneo Atchugarry (MACA), Punta del Este, Uruguai (2023)
- *Julio Le Parc: Un Visionario*, Centro Cultural Néstor Kirchner, Buenos Aires, Argentina (2019)
- *Julio Le Parc 1959*, Metropolitan Museum of Art (Met Breuer), Nova York, EUA (2018)
- *Julio Le Parc: Da forma à ação*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2017)
- *Julio Le Parc: Form into Action*, Perez Art Museum, Miami, EUA (2016)

## exposições coletivas selecionadas

- *Electric Dreams: Art and Technology Before the Internet*, Tate Modern, Londres, Reino Unido (2024)
- *Parallel Inventions: Julio Le Parc, Heinz Mack*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2023)
- *Action <-> Reaction: 100 Years of Kinetic Art*, Kunsthal Rotterdam, Rotterdam, Países Baixos (2018)
- *The Other Trans-Atlantic: Kinetic & Op Art in Central & Eastern Europe and Latin America 1950s–1970s*, Garage Museum of Contemporary Art, Moscou, Rússia (2018); Sesc Pinheiros, São Paulo, Brasil (2018); Museum of Modern Art, Varsóvia, Polônia (2017)
- *Kinesthesia: Latin American Kinetic Art, 1954–1969*, Il Pacific Standard Time: LA/LA (II PST: LA/LA), Palm Springs Art Museum (PSAM), Palm Springs, EUA (2017)
- *Retrospect: Kinetika 1967*, Belvedere Museum, Viena, Áustria (2016)
- *The Illusive Eye*, El Museo del Barrio, Nova York, EUA (2016)

## coleções selecionadas

- Cisneros Fontanals Art Foundation, Miami, EUA
- Daros Collection, Zurique, Suíça
- Los Angeles County Museum of Art, Los Angeles, EUA
- Musée d'Art Moderne de la Ville de Paris, Paris, França
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA

---

## rodolpho parigi

n. 1977, São Paulo, Brasil, onde vive e trabalha

Rodolpho Parigi integra a nova geração de artistas brasileiros que despontou a partir dos anos 2000. O trabalho do artista se faz no espaço limite entre abstração e figuração agenciando uma série de referências que vão desde a tradição da história da arte, com especial atenção à corporeidade barroca de Rubens, mas passa pelo design gráfico, publicidade, ilustrações científicas, cultura pop, pranchas de anatomia e música. Essa última, junto com a dança, é responsável por orquestrar a dinâmica dos gestos que criam suas figuras, ainda que o resultado se verifique muito mais no dinamismo das formas e da estrutura do que nas marcas do pincel sobre a superfície.

Rodolpho Parigi opera uma transfiguração singular calcada no excesso em que fragmentos de imagens e formas das mais diversas origens configuram-se na tela pelo uso de cores saturadas e luminosas que enfocam um futurismo retrô. O controle na execução e a organização apurada da composição provém de estratégias ornamentais que negam qualquer perspectiva tradicional e não deixam o olho descansar, levando-o a percorrer incessantemente o quadro. Nas pinturas de Parigi o *high tech*, presente na temática, encontra o virtuosismo da centenária técnica da pintura a óleo; assim como o orgânico, que não diferencia homem e animal, funde-se com a artificialidade da máquina, criando um provocativo efeito de estranhamento.

[clique para ver cv completo](#)

---

### exposições individuais selecionadas

- *Volumens*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2024)
- *Latexguernica*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2022)
- *Fancy Performance*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2017)
- *Levitação*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2015)
- *El Bestiario*, Sketch, Bogotá, Colombia (2014)
- Casa Modernista, São Paulo, Brasil (2013)
- *Febre*, Pivô, São Paulo, Brasil (2013)
- *AtraQue*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2011)

### exposições coletivas selecionadas

- *Da humanidade: 100 artistas do acervo*, Museu de Arte Brasileira da Fundação Armando Álvares Penteado, São Paulo, Brasil (2020)
- *Da tradição à experimentação*, Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre, Brasil (2019)
- *Histórias da sexualidade*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2017)
- *Unanimous Night*, Contemporary Art Centre (CAC), Vilnius, Lituânia (2017)
- *LOL Levels of Life 1-2*, Artspace, Auckland, Nova Zelândia (2014)
- *Works on Paper*, Rabbitthole Space, Nova York, EUA (2011)

### coleções selecionadas

- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Brasileira da Fundação Armando Álvares Penteado (MAB-FAAP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM-BA), Salvador, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

---

## tomie ohtake

n. 1913, Kyoto, Japão

m. 2015, São Paulo, Brasil

Uma das principais figuras da arte abstrata no Brasil, Tomie Ohtake nasceu em Kyoto em 1913 e mudou-se para o Brasil em 1936. Uma das principais figuras da arte abstrata no Brasil, Tomie Ohtake nasceu em Kyoto em 1913 e mudou-se para o Brasil em 1936. Sua carreira como artista plástica começou na década de 1950, sob a orientação do artista japonês Keiichi Sugano. Após uma fase inicial voltada para estudos figurativos em pintura, passou a explorar o abstrato. Durante esse período, criou uma série de trabalhos conhecidos como “pinturas cegas”, em que pintava com os olhos vendados. Tal prática foi sugestão do crítico Mário Pedrosa, um dos principais teóricos do movimento neoconcreto brasileiro, enfatizando a sensibilidade e a intuição em sua prática.

Em suas pinturas de meados da década de 1970 até a década de 1980, Ohtake desenvolveu um estilo distinto e inigualável de abstração figurativa. As suas magníficas obras, caracterizadas por formas arredondadas e orgânicas que preenchem o campo visual, são executadas com sutis graduações de tonalidade e extensões monocromáticas. Com isso, ela transformou o legado do modernismo brasileiro em um dos repertórios mais eloquentes da pintura tardo-moderna das Américas. Foi durante esse período que o trabalho de Ohtake assumiu uma dimensão cósmica, impulsionando sua transição para a escultura e o espaço real.

Ao longo de sua extensa carreira, Tomie Ohtake participou de 20 bienais internacionais - incluindo seis em São Paulo, onde recebeu o Prêmio Itamaraty, além da Bienal de Veneza, Tóquio, Havana e Cuenca, entre outras. Seu portfólio inclui mais de 120 exposições individuais (em São Paulo, outras vinte capitais brasileiras e cidades como Nova York, Washington DC, Miami, Tóquio, Roma e Milão) e cerca de 400 coletivas, no Brasil e no exterior. Recebeu ainda 28 prêmios ao longo de sua vida.

[clique para ver cv completo](#)

---

## exposições individuais selecionadas

- *Tomie Ohtake Dançante*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2022)
- *Visible Persistence*, Nara Roesler Nova York, EUA (2021)
- *Tomie Ohtake: nas pontas dos dedos*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2017)
- *Tomie Ohtake 100–101*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2015)
- *Pinturas Cegas*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2013)

## exposições coletivas selecionadas

- *Open Ended: SFMoMA's Collection – 1900 to now*, SFMoMA, San Francisco, EUA (2024)
- 60ª Bienal de Veneza, *Stranieri Ovunque – Foreigners Everywhere*, Veneza Itália (2024)
- *Action, Gesture, Paint: Women Artists and Global Abstraction 1940–70*, Whitechapel Gallery, Londres, Reino Unido (2023)
- *Composições para tempos insurgentes*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2021)
- *Surface Work*, Victoria Miro, London, United Kingdom (2018)
- *Arte moderna na coleção da Fundação Edson Queiroz*, Museu Coleção Berardo, Lisboa, Portugal (2017)
- *The World is our Home. A Poem on Abstraction*, Para Site, Hong Kong (2015)
- *Fusion: Tracing Asian Migration to the Americas Through AMA's Collection*, Art Museum of the Americas, Washington DC, EUA (2013)

## selected collections

- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Colección Patricia Phelps de Cisneros, Caracas, Venezuela
- Dallas Museum of Art, Dallas, EUA
- M+, Hong Kong
- San Francisco Museum of Modern Art (SFMoMA), São Francisco, EUA
- Metropolitan Museum of Art (MET), Nova York, EUA
- Mori Art Museum, Tokyo, Japão
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), São Paulo, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
- Tate Modern, Londres, Reino Unido

---

## vik muniz

n. 1961, São Paulo, Brasil

vive e trabalha entre Rio de Janeiro, Brasil e Nova York, EUA

A obra de Vik Muniz questiona e tensiona os limites da representação. Apropriando-se de matérias-primas como algodão, açúcar, chocolate e até lixo, o artista meticulosamente compõe paisagens, retratos e imagens icônicas retiradas da história da arte e do imaginário da cultura visual ocidental, propondo outros significados para esses materiais e para as representações criadas.

Para a crítica e curadora Luisa Duarte, “sua obra abriga uma espécie de método que solicita do público um olhar retrospectivo diante do trabalho. Para ‘ler’ uma de suas fotos, é preciso indagar o processo de feitura, os materiais empregados, identificar a imagem, para que possamos, enfim, nos aproximar do seu significado. A obra coloca em jogo uma série de perguntas para o olhar, e é nessa zona de dúvida que construímos nosso entendimento”.

Muniz também se destaca pelos projetos sociais que coordena, partindo da arte e da criatividade como fator de transformação em comunidades brasileiras carentes e criando, ainda, trabalhos que buscam dar visibilidade a grupos marginalizados na nossa sociedade.

[clique para ver cv completo](#)

---

## exposições individuais selecionadas

- *Flora Industrialis*, Museo Universidad de Navarra, Pamplona, Espanha (2023)
- *Dinheiro Vivo*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2023)
- *Fotocubismo*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2021)
- *Vik Muniz*, Sarasota Museum of Art (SMOA), Ringling College of Art and Design, Sarasota, EUA (2019)
- *Imaginária*, Solar do Unhão, Museu de Arte Moderna de Salvador (MAM-BA), Salvador, Brasil (2019)
- *Vik Muniz: Verso*, Belvedere Museum Vienna, Viena, Áustria (2018)
- *Afterglow – Pictures of Ruins*, Palazzo Cini, Veneza, Itália (2017)
- *Relicário*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2011)

## exposições coletivas selecionadas

- *Fantastic Visions: Surreal and Constructed Images*, Amarillo Museum of Art, EUA (2022)
- *Art of Illusion*, Nelson-Atkins Museum of Art, Kansas City, EUA (2021)
- *Citizenship: A Practice of Society*, Museum of Contemporary Art, Denver, EUA (2020)
- *Passado/futuro/presente: arte contemporânea brasileira no acervo do MAM*, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2019)
- *Naar Van Gogh*, Vincent van GoghHuis, Zundert, Países Baixos (2018)
- *Troposphere – Chinese and Brazilian Contemporary Art*, Beijing Minsheng Art Museum, Pequim, China (2017)
- *Look at Me!: Portraits and Other Fictions from the “la Caixa” Contemporary Art Collection*, Pera Museum, Istambul, Turquia (2017)
- *Botticelli Reimagined*, Victoria & Albert Museum, Londres, Reino Unido (2016)
- 56ª Bienal de Veneza, Itália (2015)
- 24ª Bienal de São Paulo, Brasil (1998)

## coleções selecionadas

- Centre Georges Pompidou, Paris, França
- Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía (MNCARS), Madri, Espanha
- Museum of Contemporary Art, Tóquio, Japão
- Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA
- Tate Gallery, Londres, Reino Unido
- Whitney Museum of American Art, Nova York, EUA

nara roesler

50

---

**são paulo**

avenida europa, 655  
jardim europa, 01449-001  
são paulo, sp, brasil  
t 55 (11) 2039 5454

---

**rio de janeiro**

rua redentor, 241  
ipanema, 22421-030  
rio de janeiro, rj, brasil  
t 55 (21) 3591 0052

---

**new york**

511 west 21<sup>st</sup> street  
new york, 10011 ny  
usa  
t 1 (212) 794 5038

---

[info@nararoesler.art](mailto:info@nararoesler.art)

[www.nararoesler.art](http://www.nararoesler.art)